

GT 10 - EXPERIÊNCIAS DE LEITURAS EM ESPAÇOS ESCOLARES E NÃO
ESCOLARES

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: A INSERÇÃO DA CRIANÇA NO MUNDO
LITERÁRIO**

Raquel Canêjo de Oliveira (Graduanda UFCG)

Janaina Dantas dos Santos (Graduanda, UFCG)

Elaine Tayse de Sousa (Graduanda, UFCG)

Patrícia de Oliveira (Graduanda, UFCG)

A CRIANÇA E A LITERATURA

Muitas são as contribuições da literatura infantil para a construção da identidade da criança enquanto sujeito leitor. Além de ser uma arte que pode ser escrita em prosa ou poesia, é um produto cultural que possibilita desenvolver o gosto pela leitura. Concordamos com Aguiar et.al quando afirma que a literatura infantil são obras dirigidas a crianças ou não, que as agradam e as encantam, escritas em um léxico específico que atende a linguagem da criança. Para o referido autor, uma arte como essa deveria estar presente no cotidiano de todas as crianças, no entanto poucas têm esse acesso.

Nesse sentido, acreditamos que a escola seja o ambiente favorecedor dessas experiências, pois é um espaço rico para a atuação da criança e de suas capacidades afetivas, culturais, sociais e intelectuais. Conforme Santos (2004),

“[...] precisamos discutir o papel da escola que constitui-se em um ambiente privilegiado para a formação do leitor .Nela é imprescindível que a criança conheça livros de caráter estético, diferentes dos pedagógicos e utilitaristas utilizados na maioria das escolas.O livro estético(de ficção ou poesia) proporciona ao pequeno leitor a o oportunidade de vivenciar a história e as emoções , colocando-se em

ação por meio da imaginação , permitindo-lhe uma visão mais crítica do mundo”(p.81)

Nessa perspectiva, ler é muito mais que um simples ato de decodificação, mas um ato de emancipação interna em que o sujeito leitor cria, constrói e tem autonomia para enfrentar inúmeros desafios no tocante a sua vida como um todo. Ao passo que se emancipa como sujeito, amadurece em seu aprendizado, não somente por obrigação, mas por prazer em ser um leitor eficiente ao refletir sobre sua leitura. Entretanto, a literatura não tem poder imediato, mas fomenta frutos para futuras experiências. “*É, portanto, a leitura de obras de ficção (literatura infantil) que desencadeará na criança leitora uma postura reflexiva e crítica com relação à realidade.*” (SANTOS, 2004)

Assim, ouvir histórias é recuperar a herança do homem, seus medos, descobertas e desejos. A narração de histórias fala à criança em seu íntimo através da linguagem do pensamento e do faz de conta. Conforme Aguiar (2001), “*a criança é uma fabuladora de mitos, e isso esclarece por que a sua mente e sua forma de perceber intuitivamente o mundo combinam tão bem com a literatura.*”.

Nossa proposta metodológica sustenta-se na ideia que a criança em contato com meio e nas interações que ela faz na escola, com o professor e colegas, em casa com a família, possa se constituir com o uso da literatura, como um sujeito que lê por prazer e cria novas possibilidades no ato de imaginar. Porém muitas vezes, o estímulo a essa imaginação só é iniciado quando a criança chega à escola. Para Aguiar et a(2001),

“Quando a criança chega à primeira série, ela está em plena fase do jogo simbólico e a literatura pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento cognitivo, pois ativa a função simbólica no leitor através dos jogos de linguagem, que geralmente vêm acompanhados do poder imagético da ilustração, tanto na prosa como na poesia” (p.52)

Por esse motivo escolhemos a produção de um livro não verbal, não só pelo caráter estético da obra. Sabemos, pois da dialogicidade entre o texto e a imagem, no entanto acreditamos que a compreensão também se dá por meio das imagens, vale salientar que ilustração também é texto, mas esse precisa ser decodificado pela criança no momento da leitura.

Nessa perspectiva a relevância e necessidade da efetiva relação entre a família e a escola foi primordial em nosso trabalho tanto no que se refere ao contato com as histórias infantis para a construção da identidade da criança como sujeito leitor como a parceria entre a família e escola. Nesse sentido, ao provocar situações de interação e contação de histórias se dão pelo reconhecimento de que, por meio destas, as crianças possam realizarem leituras individuais ou compartilhadas seja no âmbito escolar e familiar. Vivemos em uma sociedade que a cada dia exige que o sujeito saiba ler e fazer a leitura do mundo no qual está inserido, bem como suas relações. Para tanto a leitura e a contação de histórias se tornam imprescindíveis para o desenvolvimento da criança, considerando que a família em parceria com a escola é que podem favorecer a participação efetiva da criança em um universo letrado.

A CONTAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA: CHAPEUZINHO VERMELHO

Após nossas observações na instituição, partimos para segunda etapa de nossa pesquisa, que consistiu em uma contação de história notamos que as crianças falavam muito durante as suas brincadeiras sobre o lobo mal, então decidimos, a história não poderia ser outra, a tão amada e conhecida história da Chapeuzinho Vermelho, que agrada meninos e meninas há muitos anos. Para a história, escolhemos uma fantasia de joaninha, esse animal, conta a história do jeito que presenciou. Ela conta que estava no bosque e sabe tudo o que aconteceu e segundo ela, não é exatamente como conta nos livros, foi com essa introdução que começamos. Uma das pesquisadoras entrou na sala para prepará-los, com uma conversa informal, sobre histórias, perguntando se eles gostam de ouvir, para então pedir que fechassem os olhos para receberem uma amiga especial, é quando a joaninha entra. As crianças ficaram encantadas com a vestimenta e sobretudo, com a história, percebemos claramente o envolvimento e concentração de cada uma, sempre participando, perguntando e fazendo comentários sobre a história. Nas fotos abaixo, é possível ver todo o entrosamento da turma.



Momento da apresentação do livro.



Contação da história.

Ao ouvir a história, as crianças são levadas a imaginar e criar expectativas com a história contada. Seus esquemas cognitivos, nesse momento são extremamente ativos e promovem uma compreensão do que está sendo lido. É através dessa compreensão que posteriormente serão socializados por eles, o reconto da história de uma forma prazerosa, promovendo a participação de todos.

Podemos perceber que as crianças estavam maravilhadas com a história, os personagens, as vozes e a trama. A ponto de solicitar que contássemos outra história, porém os livros que eles tinham em sala, estavam em um lugar inadequado, onde apenas adultos

conseguiriam pegar. Ou seja, as crianças não tinham na escola o contato diário com os livros, se tinham, nos dias de nossas observações eles foram extintos.

Em nosso segundo encontro de atuação com nossa proposta, iniciamos um momento de exploração de livros literatura infantil levados por nós para que as crianças explorassem e lessem a seu modo. Antes mesmo de lerem, realizamos uma conversa informal acerca do que é um livro, o que tem nele, existe alguém que escreve (autor), alguém que desenha (ilustrações) e alguém que lê (leitor). No momento da exploração solicitávamos que tivessem muito cuidado, pois o livro é algo muito importante e não deve ser manuseado de qualquer maneira. Eles compreenderam e aquele momento foi altamente produtivo, apreciado e importante para as crianças bem como para nossa atividade posterior, contextualizada pela mesma.



Após esse momento, foi sugerido que construíssemos a história que a joaninha tinha contado no dia em que foi visitar a sala: “Chapeuzinho Vermelho”. De pronto receberam a proposta e com entusiasmo foram levados a reconhecer o material utilizado, pincel, tinta guache, algodãozinho, palitos de picolé, lantejoulas, agulha, linha e botões.

Partindo desse pressuposto é que levamos em consideração os conhecimentos prévios da criança, isto implica que o professor deve desenvolver um trabalho que ajude a elaborar questionamentos que possibilite a troca de saberes entre aluno-aluno, professor-aluno e aluno-professor. Para que isso ocorra, se faz necessário uma metodologia flexível em que seja possível alterá-la a partir das necessidades do aprendiz, mas cabe ao professor conhecer a criança e suas particularidades, de modo que identifique os conhecimentos que o aluno já tem e suas principais dificuldades, com o objetivo de favorecer um desenvolvimento

significativo, por meio de uma prática pedagógica que seja impulsionadora, sendo o professor o desafiador e mediador dos novos conhecimentos, construídos na interação entre os sujeitos. Partindo dessa premissa, iniciamos a construção do livro. Como podemos ver abaixo:



Iniciando nosso livro.





Mediação do professor



Prazer e envolvimento

Verificamos a importância do trabalho com diversos materiais para a produção do livro, pois possibilita a criança ampliar seu vocabulário visual e cognitivo, permitindo-lhe fazer o uso em outras oportunidades.

Constatamos em nossa pesquisa que a literatura infantil desenvolve a reflexão e estimula a pensar, duvidar, se perguntar, questionar. Sabendo que a literatura infantil, deve ser usada como recurso pedagógico e de forma prazerosa para as crianças, na qual elas descubram o gosto pela leitura e compreendam o sentido de interpretar as histórias contadas pelas professoras, podendo assim, construir, inventar e produzir outras novas, optamos em um primeiro momento pela “reprodução” de “Chapeuzinho Vermelho”, por conta da idade precisamos de um modelo, para que fosse utilizado como base para que as crianças pudessem produzir o livro. Ao final da construção o livro ficou assim,



CAPA DO LIVRO



AUTORES DO LIVRO E SUAS PROFESSORAS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentarmos os livros de literatura infantil para as crianças da Creche e pré-escola Municipal Félix Araújo, da rede pública municipal de Campina Grande-PB, verificamos a descoberta de um novo mundo pelos alunos e constatamos que essa surpresa se

deu pela ausência de um trabalho no âmbito da literatura dentro da referida instituição, vimos a presença de livros, no entanto estavam guardados somente para acesso dos adultos, impossibilitando o manuseio frequente das crianças.

Uma dificuldade encontrada foi quanto a organização na elaboração do livro, pois as crianças estavam eufóricas e agiam diante dos materiais como se fosse a primeira vez que estivessem em contato com os mesmos, eles queriam todos ao mesmo tempo, pintar, colar, fazer as aplicações, demoramos um pouco para compreender como conter tamanha animação. Porém consideramos essa dificuldade como um ponto positivo, por ter despertado o interesse de todos. Nossa satisfação também foi o fato de vê-los orgulhosos da construção do livro, eles tinham consciência de que eram os autores/ilustradores da nova versão de “Chapeuzinho Vermelho”. Percebemos, portanto, que através da atividade, contribuímos no desenvolvimento da autonomia e interação social, coordenação motora fina, percepção tátil e visual, imaginação e criatividade, bem como despertaram a atenção e concentração das crianças.

Diante do exposto em toda pesquisa, acreditamos que a concretização da inserção da criança no universo literário, só é possível quando há uma parceria entre escola e família, uma vez que esse trabalho não pode ser realizado de forma isolada. Por esse motivo, desejamos fazer a continuação dessa pesquisa, inserindo a família nesse meio. Se faz necessário que a escola aproveite todas as oportunidades e contatos com os pais conversando sobre a proposta, objetivos, recursos, problemas e sobre as questões pedagógicas. Somente deste modo eles irão sentir-se comprometidos com a vida da criança e seu desenvolvimento linguístico, portanto a parceria e incentivo dos pais é de extrema relevância para um projeto como esse.